

## REFUGIADOS CLIMÁTICOS

# Vítimas do desequilíbrio

Alterações ambientais e desastres deslocam mais de 60 mil pessoas por dia no mundo

**RENATO GRANDELLE**  
Enviado especial  
renato.grandelle@oglobo.com.br

**-BOGOTÁ-** O Pentágono chama de “multiplicação de ameaças”. O secretário de Estado americano, John Kerry, alerta para os “novos refugiados”. Sua antecessora, a pré-candidata à Presidência dos EUA Hillary Clinton, ressalta a “guerra pela água”. Paddy Ashdown, um político veterano britânico, acredita que o planeta vive uma “crise humanitária”. Não importa o termo, a população desalojada pelas mudanças climáticas e pelas catástrofes naturais preocupa autoridades mundiais. Estima-se que, desde 2008, cerca de 22,5 milhões de pessoas deixaram suas casas, por ano, devido a eventos extremos do clima — o equivalente a 62 mil casos diários. Este cenário ainda pode piorar.

Essas pessoas são desabrigadas por problemas como a desertificação de terras, ou mesmo por catástrofes como tufões e inundações, mais comuns devido às mudanças no clima. A odisséia em busca de moradia pode começar dentro do próprio país. Normalmente, os refugiados migram do campo para áreas urbanas, onde enfrentam problemas, já que habilidades como o cultivo agrícola não podem ser aproveitadas.

— Cada centro urbano deve desenvolver uma forma para reduzir o contraste entre a elite local e os miseráveis que chegam — defendeu Beatriz Sanchez, professora de Direito Internacional da Universidade de Los Andes, na Colômbia, durante o Encontro das Américas sobre as Mudanças Climáticas, que aconteceu em Bogotá. — Mesmo diante das dificuldades das zonas rurais, deixamos que um Deus Todo Poderoso resolva tudo.

### EXCLUÍDOS NA CIDADE

Javier Gonzaga, da Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade de Caldas, também da Colômbia, assinala que os migrantes climáticos não conseguem mais manter os meios seculares que garantiam sua sobrevivência.

— Não é possível saber se a principal causa da migração é a pobreza ou a destruição do ecossistema rural. Ambos estão unidos — explica Gonzaga. — A vulnerabilidade social, associada às migrações ligadas ao clima, está aumentando com diferentes intensidades em cada país. Alguns cenários alarmistas previstos pela ONU para 2070 já podem ocorrer no meio do século.

A ONU e algumas instituições de pesquisa, como o Centro de Monitoramento de Deslocamento do Conselho Norueguês de Refugiados, acreditam que o número de pessoas desalojadas pelo clima pode chegar à marca de 250 milhões, por ano, em 2050.



“A falta de preparo para lidar com as catástrofes naturais sempre foi um grande desafio para as nações”

**Irwin Redlener**

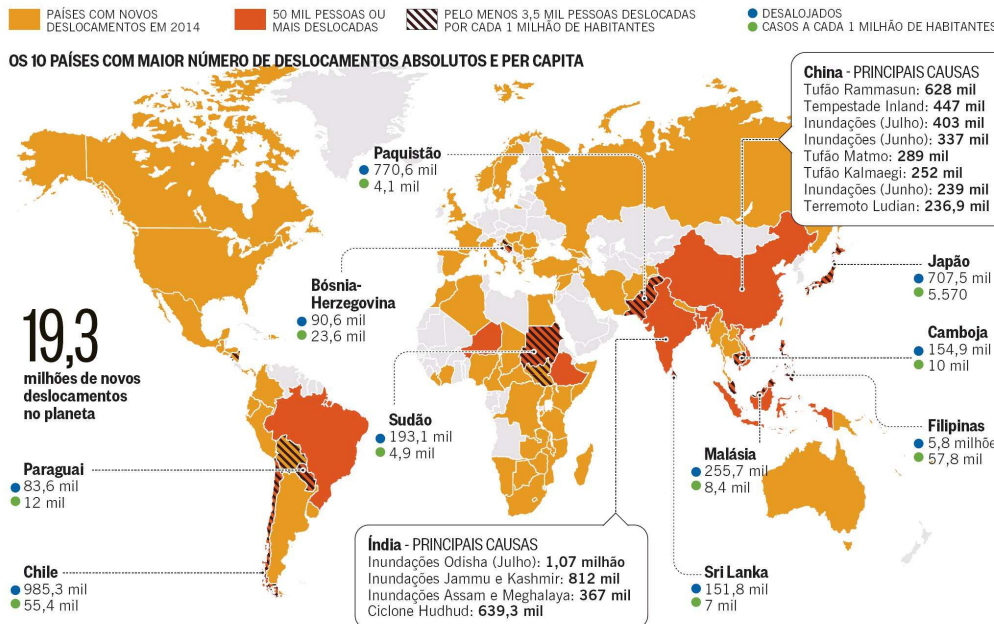
Diretor do Centro de Preparação para Desastres dos EUA

A categoria de migrantes climáticos não é protegida pelo direito internacional, como são os refugiados de guerra que há meses deixam a Síria ou as vítimas de violações de direitos humanos. Então, podem ser obrigados a voltar para a região devastada. Também precisam adaptar-se a diferentes legislações, idiomas e culturas, e podem ser excluídos de sistemas básicos de assistência social, como o acesso a escolas ou a programas de saúde.

Para piorar, há uma confusão crescente sobre as categorias dos refugiados. Os milhares de migrantes que tentam trocar a guerra civil na Síria pela Europa Ocidental fogem também da seca. Entre 2006 e 2011, o país asiático sofreu com a estiagem. O mesmo problema se manifesta na África, onde somalis e etíopes testemunham a desertificação do campo, inviabilizando a agricultura de subsistência. Tentam buscar uma solução nas balsas lotadas que atravessam o Mar Mediterrâneo, em direção à Itália.

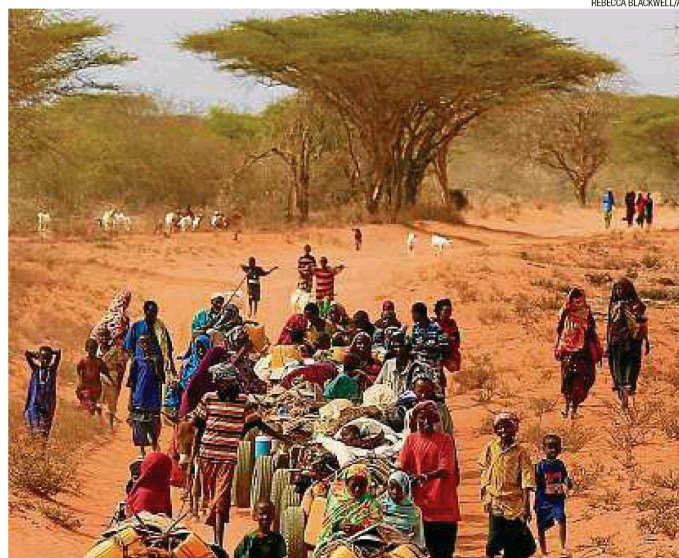
— Em qualquer lugar do planeta, as mudanças

## MIGRAÇÕES PROVOCADAS POR CATÁSTROFES EM 2014



Fonte: Centro de Monitoramento de Deslocamento do Conselho Norueguês de Refugiados

Editoria de Arte



**Migração forçada.** Somalis caminham em direção a um campo de refugiados no Quênia: desertificação do campo

levariam ao surgimento de mais de 200 milhões de refugiados climáticos naquela região.

Alguns Estados insulares já providenciam o deslocamento de sua população. O arquipélago de Kiribati, no Oceano Pacífico, comprou terras na vizinha Fiji. No Oceano Índico, as Maldivas perderiam todas as suas 1.200 ilhas. A economia, baseada no turismo e na pesca, seria aniquilada. Por isso, seu governo planeja construir ilhas artificiais flutuantes, enquanto negocia programas de evacuação com autoridades da Austrália e da Índia.

— A falta de preparo para lidar com as catástrofes naturais sempre foi um grande desafio para as nações — lamenta Irwin Redlener, diretor do Centro Nacional de Preparação para Desastres dos EUA. — Às vezes, os custos são importantes. Em outras ocasiões, há fatores psicológicos e culturais que inibem a adoção de uma “preparação mental” entre os cidadãos ou mesmo dos chefes de Estado.

### MORTE DOS CORAIS

Segundo Sukhdev, as consequências das mudanças climáticas nos oceanos podem repercu-

Antonio Edésio Jungles pondera que o Brasil melhorou recentemente seus sistemas de alerta precoce contra desastres climáticos. O país, no entanto, continua exposto a fenômenos cada vez mais intensificados pelas mudanças climáticas.

— As consequências são lentas e graduais. Em Santa Catarina, por exemplo, temos problemas de estiagens cíclicas, o que faz com que a população se afaste e as empresas deixem de se instalar em algumas regiões. Essas catástrofes climáticas devem se acirrar nos próximos anos — comenta. — Tudo tem um limite, um ponto em que o equilíbrio com a cadeia produtiva, a flora e a fauna fica comprometido, e muitas vezes estas mudanças não são rapidamente percebidas.

Sukhdev já enxerga mudanças provocadas pelo clima no país. — Algumas cidades costeiras, como Salvador, Rio, Recife e São Luís, estarão entre as prejudicadas pela modificação no ecossistema marinho — revela. — Em São Paulo, a temperatura registrada no último dia de inverno foi de 37 graus Celsius. Nem no verão este índice seria comum.

### Corpo a corpo

ALFREDO ZAMUDIO

## ‘Ninguém deve ser deixado para trás’

Diretor de instituição norueguesa defende políticas exclusivas para migrantes climáticos

● **O senhor comanda o Centro de Monitoramento de Deslocamento do Conselho Norueguês de Refugiados. Percebe atualmente uma maior mobilização no mundo a favor dos migrantes climáticos?**

Vimos recentemente posicionamentos muito positivos relacionados a estas populações. As metas assumidas no fim do mês passado pela comunidade internacional na Cúpula sobre Desenvolvimento Sustentável salientam que o deslocamento dessas pessoas não é favorável ao desenvolvimento. Ninguém deve ser deixado para trás.

● **Depois de tantas catástrofes, por que os governos ainda não estão prontos?**

Os governos precisam investir em programas de ajuda especial para as pessoas que enfrentam o impacto do deslocamento. Também precisam melhorar a obtenção de dados nacionais e indicadores de desenvolvimento sobre estes migrantes. Esta medida é fundamental para assegurar que os recursos serão enviados para os locais onde são mais necessários.